

Necrológio de um velho amigo: homenagem a Juan Adolfo Bonaccini

[Obituary of an old friend: in tribute to Juan Adolfo Bonaccini]

Antônio Basílio Novaes Thomaz de Menezes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (Natal, RN, Brasil)

A história como uma grandeza inalienável da vida revela a dimensão do homem ao medir-lhe após a morte a estatura dos seus feitos. Assim, a triste figura de um Dom Quixote em seus últimos dias contrastava-lhe a magnitude da sua alma gravada na minha memória, quando o vi pela última vez nos corredores da Universidade e quase não o reconheci. Recusava-me ver meu amigo pálido, magro e careca com o rosto cansado coberto por uma máscara cirúrgica, andando com dificuldade.

Conheci Juan (e assim lhe tratava) no fim da minha Graduação, ainda bem jovem, recém-chegado ao Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Aluno de um programa de intercâmbio dos governos brasileiro e argentino, apaixonado pelo Rio de Janeiro, retornara aquela cidade depois de desistir seguir carreira diplomática na sua terra natal. Um dia me explicou como viera estudar aqui no Brasil.

Dono de uma longa cabeleira e um “portunhol” acentuado nos primeiros anos, trazia consigo a alma portenha estampada no rosto, inquieta, revolucionária e imprevisível como um tango de Astor Piazzolla: “El loco”. E talvez por isso a vida tenha lhe reservado algumas surpresas.

Ironia ou simplesmente destino a sua opção inicial em fazer o Curso de Ciências Sociais mudaria em virtude da disponibilidade de vagas nos termos do convenio internacional. Assim o postulante a sociólogo ou cientista político tornou-se filósofo. Embora anos depois, numa das nossas longas conversas na estrada entre Recife e Natal tive oportunidade de constatar que ainda havia algo daquele primeiro ímpeto ao comentarmos a cultura do nosso país.

Argentino naturalizado brasileiro partilhava um amor verdadeiro pelo país que acolheu, ao ponto de com o passar dos anos dominar o nosso idioma melhor do que muitos nativos. O que nem sempre era fácil de compreender quando lhe perguntavam: “Como?”; e ele respondia sem nenhum pedantismo: “Lendo os Sermões do Padre Antônio Vieira e os contos de Machado de Assis”, demonstrando uma natural erudição.

Colega brilhante desde a graduação era capaz de discorrer sobre as antinomias de Kant com clareza e simplicidade, sem incorrer nos equívocos da vulgarização. Ele mantinha aliado ao rigor acadêmico uma postura socrática de generosidade para com o saber. Lembro-me de já professores da UFRN termos compartilhado não apenas a sala de estudos, mas também horas a fio conversando sobre projetos e ideias que mais tarde muitas viriam a ser artigos e pesquisas desenvolvidas inicialmente sem pretensão.

Por várias vezes presenciei lhe o esforço de como professor formar um espírito filosófico nos seus alunos, atuando com o mesmo empenho na Graduação e no Doutorado. Ele buscava sempre desenvolver lhes o gosto pelo conhecimento incentivando-os ao desafio de ler as obras originais nas aulas, em grupos de estudo, nos debates que participava.

Intelectual polêmico era portador de uma atitude controversa que também lhe descrevia a trajetória profissional. Era capaz de conjugar esforços coletivos e interesses pessoais em torno de causas como a melhoria do Curso de Filosofia e a criação de um Programa de Pós Graduação. E cumprida sua missão na UFRN partia de Natal deixando saudades para assumir um novo desafio como Professor Titular da UFPE em Recife. Andarilho comentou-me algumas vezes que planejava voltar a Michigan e terminar seus dias pescando e escrevendo literatura.

Entretanto não há palavras nesta narrativa que contemplem a intensidade de uma vida, nem uma memória capaz de expressar o real sentimento da perda. Um fim tragicamente vivido de forma tão cruel. Já que as lembranças são sempre fragmentos dispersos que reunimos na vã esperança de imprimir algum sentido. Afinal é preciso imaginar uma trajetória para podermos dar por concluído aquilo que entendemos ser o fim da caminhada.

Necrólogo afetivo, nessa hora me cabe apenas destacar a figura humana ímpar por quem tenho especial gratidão pela presença em vários momentos da minha vida dentro e fora da academia. Saudosos momentos aqueles em que compartilhamos alegrias e preocupações com o trabalho e nossas famílias.

Amigo leal com um temperamento explosivo. Nós brigávamos como loucos até quase chegarmos às vias do fato. Porém a amizade era um valor inabalável que se mantinha entre nós. Eu sabia que sempre poderia contar com ele. E não raro isto serviu-nos para aparar nossas arestas, até no fim, contornarmos de tratar assuntos críticos que poderiam ser objeto ou motivo de intensa discussão.

Companheiro em diferentes jornadas lhe sou grato por tudo que fez e deixou de fazer. A importância da sua obra não se mede apenas pela materialidade das palavras que, aliás, foram muitas e por longo tempo servirão a outros. Embora, para mim, sejam apenas filigranas de um grande coração que não guardava espaço para rancor nem mágoas ainda que pudesse tê-las.

Preocupado com o futuro, com os filhos e a família ele guardava uma relação íntima com o tempo, uma urgência impensada, não fosse a doença confrontar-lhe o dado de realidade. Repetia sempre que tinha obtido o Doutorado antes de ter completos trinta anos e no fim esperava que a vida lhe prolongasse mais alguns anos.

Religioso ou não, a depender do momento existencial em que lhe transcorriam os dias, Juan foi antes de tudo um homem de princípios, como pai, professor ou amigo. Alguém que por seus méritos a vida lhe reservou um lugar na eternidade, na memória daqueles que o conheceram mais de perto e foram capazes de lhe reconhecer o valor.

Adeus meu velho amigo.